

Editora Barbante: entre livros e discos¹

Samara Mírian COUTINHO²

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade apresentar um estudo de caso da Editora Barbante, uma pequena casa editorial independente. Fundada por Alessandro Andreola e Paola Marques em 2016, em Curitiba, o catálogo é majoritariamente voltado para a temática musical. A editora figura dentro do microcosmo gráfico-independente, com uma trajetória marcada por experimentações e readequações de rotas. Para este artigo, utilizamos as entrevistas com os editores e parte das discussões feitas anteriormente na dissertação *Um mercado de peculiaridades a Banca Tatuí e as estratégias de comércio e legitimação das casas editoriais do microcosmo gráfico-independente* (2020).

PALAVRAS-CHAVE: Editora Barbante; editora independente; microcosmo gráfico-editorial.

O presente artigo tem como finalidade apresentar um estudo de caso da Editora Barbante, partindo das discussões apresentadas na dissertação desta pesquisadora, intitulada *Um mercado de peculiaridades a Banca Tatuí e as estratégias de comércio e legitimação das casas editoriais do microcosmo gráfico-independente*³, defendida em dezembro de 2020 no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG. Na pesquisa, discutimos a comercialização de publicações de editores independentes na Banca Tatuí, uma banca de jornais repaginada para tornar-se livraria na cidade de São Paulo.

Na Banca, criada pelos editores João Varella e Cecília Arbolave, figuram publicações de mais de 200 produtores parceiros. Além do ponto de venda físico, a Banca Tatuí também existe no formato de loja virtual e possui redes sociais nas quais figura uma persona que faz o papel de livreira digital. Para a pesquisa, fizemos um levantamento dos

¹ Trabalho apresentado no GP de Produção Editorial, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do CEFET-MG, e-mail: samaramirian88@gmail.com

³ É válido pontuar que parte das análises e da coleta de dados deste artigo aconteceu em um período anterior à pandemia do Novo Coronavírus, visto que a pesquisa aconteceu no período de 2018 a 2020. O cenário atual ainda é de muitas incertezas para esses pequenos produtores que têm buscado ativamente formas de se reinventarem.

produtores parceiros e os categorizamos a fim de selecionarmos editoras para compor nosso *corpus*. Os critérios utilizados foram: 1) localização geográfica, 2) ter à venda na Banca Tatuí objetos editoriais considerados livros *stricto sensu*; 3) número de títulos disponíveis na loja virtual; 4) comercializar, também, por meio de loja virtual própria e feira de publicações independentes. Dessa maneira, chegamos às editoras: Nega Lilu Editora (Goiânia), Polvilho Edições (Belo Horizonte) e Editora Barbante (Curitiba).

Para nossa investigação, fizemos entrevistas semi-estruturadas com as três casas editoriais e parte do conteúdo deste artigo advém da conversa com os editores da Editora Barbante: Alessandro Andreola e Paola Marques. Ela foi realizada no dia 13 de agosto de 2019, por Skype. Com o estudo de caso, pretendemos trazer à baila a trajetória da Editora Barbante no “microcosmo gráfico-independente”.

O microcosmo gráfico-independente

O termo “microcosmo gráfico-independente” surgiu em meio à pesquisa de dissertação já mencionada, quando compreendemos que era necessário denominar o grupo de editores presente no *corpus* de pesquisa. O termo “independente”, com o passar dos anos, passou por um processo de esvaziamento, distanciando-se do discurso contra-hegemônico aos conglomerados editoriais. Esse discurso que vigorou fortemente do final dos anos de 1990 até meados de 2010 foi pauta de discussão de diversos pesquisadores⁴, mas tornou-se inócuo com a utilização massiva e indiscriminada.

Entretanto, um grupo de pequenos produtores, ainda se utilizando dessa alcunha, reunia-se e fazia-se conhecer por meio de grandes feiras presenciais de publicações impressas. Estas eram fundamentais para a comercialização do catálogo desses produtores, uma vez que o circuito “tradicional” (com editoras e livrarias de maior porte) não é praticável para tais agentes.⁵ Dessa forma, tornou-se imperativo buscar formas de comercialização alternativas, e as feiras, ao reunir um grande número de independentes e um público especializado, eram a forma mais eficaz de viabilizar tais vendas. Ademais, eram nesses espaços de efervescência que publicadores congregavam esforços, se

⁴ Citam-se: López Winne; Malumián, 2016; Oliveira, 2017; Szpilbarg; Saferstein, 2012; Sorá, 2013; Rabasa, 2016; Quintanela, 2015; Botto 2014; Araújo, 2013; Barcellos, 2006; Santana-Gomes, 2018; Noel, 2018.

⁵ Tais particularidades já foram abordadas em artigos anteriores apresentados no GP de Produção Editorial da Intercom nos anos de 2017, 2018, 2019 e 2020, constando nos anais de cada evento.

conheciam e se faziam conhecer, tanto pelos seus pares quanto pelo público que os frequentava⁶.

O pesquisador José Muniz Jr., em sua tese *Girafas e bonsais: editores “independentes” na Argentina e no Brasil* (2016) denominou tais produtores de “editoras feirantes”, definindo-os da seguinte forma:

Possuem uma práxis mais artesanal e pouco profissionalizada. Muitos deles publicam apenas a si próprios e/ou a amigos próximos, sem estabelecer relações contratuais claras. Raramente estão presentes nos pontos de venda tradicionais (livrarias, bancas, supermercados etc.) e vendem seus produtos sobretudo pela internet e nessas feiras – o que explica, pelo menos parcialmente, por que elas se tornam tão frequentes. [...] tais eventos se consolidam como forma de sociabilidade e visibilidade desses microeditores, particularmente daqueles que se situam fora das instituições tradicionais (câmaras e sindicatos, bienais e grandes feiras, prêmios etc.). Aliás, muitos sequer registram suas publicações no ISBN ou no ISSN, o que os exclui do próprio reconhecimento oficial e das estatísticas nacionais de produção editorial. (MUNIZ Jr., 2016, p. 192).

A definição dada pelo pesquisador vai ao encontro da definição do editor João Varella (2021), que denomina essa parcela de produtores como gráfico-independentes: “se caracterizam por explorar a produção gráfica de suas publicações. É uma segmentação dentro do universo de editoras independentes, caracterizada por essa característica de experimentação gráfica em comum”. Sendo essas editoras norteadas pela experimentação dos suportes impressos, esse microcosmo tem uma forte ligação com as artes visuais, fazendo com que as feiras funcionem ora como galerias de arte, ora como ritos de perpetuação de uma “ode ao livro de papel”: “A impressão em papel aparece como procedimento técnico que se converte em *práxis* intelectual capaz de expulsar-lhes da impressão de insignificância que a torrente de informação do mundo virtual lhes imputa.” (MUNIZ Jr., 2016, p.197).

Tendo em vista esses aspectos, acreditamos que uma das principais motivações para o surgimento dessa cena está na busca de oferecer ao leitor aquilo que o livro digital não possibilita: uma experiência relacionada ao aspecto físico diferenciado do suporte. Com a facilidade de encontrar conteúdo na web e com a expansão dos *e-books*, o mercado de impressos tem buscado se adaptar à nova realidade e, para isso, tem usado, em parte, inovações na materialidade dos impressos. É válido pontuarmos que os editores feirantes

⁶ Usamos os verbos no passado pois o cenário se modificou com a pandemia do Novo Coronavírus.

e o público que frequentava as feiras, em geral, flerta(va)m com a bibliofilia e com o colecionismo, por isso é fundamental buscar práticas inovadoras em vez da automação em seus projetos editoriais.

A trajetória da editora Barbante parece-nos relevante nesse cenário, pois ela adentrou o microcosmo gráfico-independente com a proposta de fazer livros explorando a materialidade diferenciada. Entretanto, como veremos a seguir, foi necessário reajustar o seu percurso no campo editorial.

Editora Barbante: entre livros e discos

A Editora Barbante surgiu em 2016, em Curitiba, no estado do Paraná. Foi criada pelos jornalistas Alessandro Andreola e Paola Marques, a partir da vontade de se autopublicar: “ele [Alessandro] queria lançar um livro que era de uns textos que ele tinha e estava reeditando algumas partes, estava revisitando esses textos e ele achava que rendia um livro e que isso ia ser muito legal.” (MARQUES, 2019). Na época, o jornalista trabalhava com o Estúdio Invertido, um estúdio de acabamentos gráficos com serigrafia, encadernação e tipografia. O espaço, além de prestar serviços para terceiros e oferecer cursos, também tem um selo com publicações próprias. O incentivo para Andreola realizar sua primeira empreitada veio dos proprietários do estúdio: “Eles falaram ‘você vai fazer o seu livro aqui? Tem que fazer, vamos fazer!’” (ANDREOLA, 2019), e assim foi lançada a primeira edição de *Música do Dia* (2016), uma coletânea de artistas, canções e álbuns do Pop Rock, com capa dura, impressão em serigrafia e acabamento artesanal.

O surgimento da editora aconteceu, inicialmente, de maneira despretensiosa, já que o título autopublicado ficaria sem uma “chancela” editorial. O casal, que já acompanhava o movimento das publicações independentes, menciona tal fato na entrevista que nos foi concedida:

A gente estava trabalhando nisso, mas como um projeto meio paralelo, assim, não era uma coisa que a gente estava com o foco total nisso aí. Aí em 2016 ele colocou na cabeça que ele ia fazer e a gente falou "então vamos!". Ao mesmo tempo, a gente pensou que seria muito interessante... a gente estava acompanhando a cena, se interessava por vários livros independentes, a gente sempre ia nos lançamentos e a gente ficou namorando a ideia do tipo ‘e de repente se a gente tivesse uma editora também, o que você acha?’, mas nada muito oficial, assim, do tipo ‘agora o próximo passo é tal!’. (MARQUES, 2019)

A dupla segue conciliando a atividade com trabalhos *freelancer* na área da Comunicação – principalmente na produção de conteúdos, gerenciamento de redes sociais, tradução e editando livros para terceiros –, haja vista que se autossustentar com a edição de livros não é uma realidade para eles: “Desde o começo, desde a ideia a gente já trabalhava com outras coisas e até hoje continua [...] a gente precisa muito disso para segurar as pontas, a editora não segura... a gente tem muito pouco título, a maior parte de tiragem baixa, não tem como” (ANDREOLA, 2019). Essa realidade é muito frequente no microcosmo gráfico-editorial.

O fluxo de trabalho da editora é dividido entre os dois que se revezam nas tarefas da produção: “a gente troca muito, depende muito de quem está mais envolvido com cada projeto, mas, assim, se eu estou editando, a Paola está revisando ou às vezes é ao contrário. [...] É tudo meio *do it yourself*.” (ANDREOLA, 2019). O segundo título da editora também lançado em 2016, *Wadad*, do fotógrafo Eduardo Macarios, foi um trabalho mais voltado para o perfil de Paola Marques, que tem como área de interesse a fotografia: “é um livro de arquivo, de memória, ela estava trabalhando na edição disso” (ANDREOLA, 2019b). O enredo versa sobre a imigração da avó libanesa do autor e remonta à história da família, em uma edição limitada e numerada, com tiragem de 250 exemplares e texto trilíngue — português, inglês e árabe. O projeto gráfico apresenta capa dura revestida de tecido, impressa em serigrafia e uma foto em preto e branco aplicada em baixo relevo.

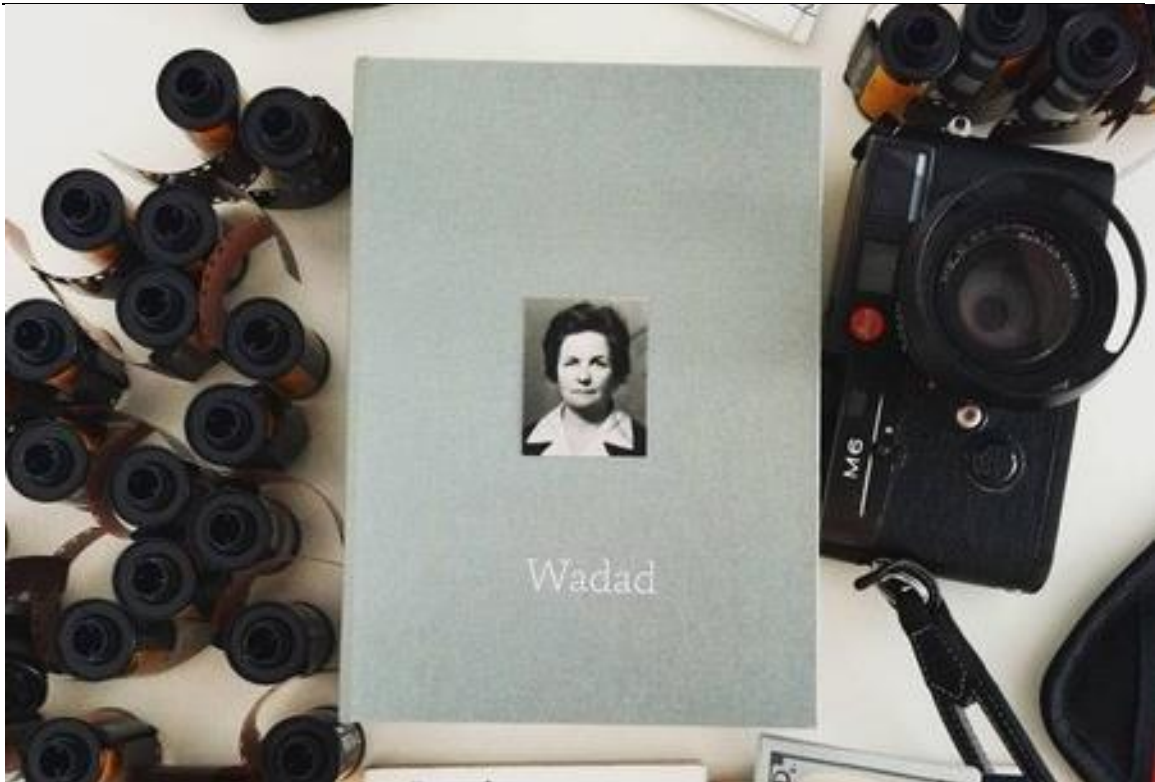


Imagem 1 – Livro *Wadad* (2016)
Fonte: Loja virtual da Editora Barbante

Nesse entremeio, os editores já frequentavam eventos de publicações independentes e os dois primeiros títulos são considerados os pilares da casa editorial: “Porque daí, com essas coisas físicas na mão, a gente pegou a mochilinha e foi para São Paulo, foi se apresentar para as pessoas: ‘ah, então, a gente é de Curitiba e a gente tem uma editora, a Barbante, e a gente faz livro meio artesanal e está aqui o livro!’” (ANDREOLA, 2019). Esses foram os pontos de partida para adentrar o microcosmo das independentes: participarem de feiras e fazerem parte da Banca Tatuí, que funciona como uma espécie de chancela para editores independentes.



Imagem 2 – Livro *Música do dia* (2016) com acabamento artesanal
Fonte: Website Locomotiva Discos

Dos sete títulos em catálogo, quatro são relacionados ao universo musical. A predileção pela temática vem da trajetória do editor que também é jornalista cultural especializado em música e foi produtor, roteirista e apresentador de um programa na Rádio 91 (FM 91.3), *91 Extra Rock*, por três anos. O livro *Música do Dia*, considerado fundador da casa editorial, traz reflexões sobre diversas canções, álbuns e bandas, muitas delas entremeadas às suas histórias pessoais. Na introdução, o editor menciona sua “sorte” em poder trabalhar na vida adulta com sua paixão juvenil:

A primeira vez que compreendi o poder da música pop foi quando eu tinha 13 anos e ouvia em meu quarto uma fitinha cassete dos Ramones. Em algum ponto entre pulos na cama e guitarras imaginárias tocadas em pleno ar, tive uma espécie de visão: [...] tudo levava a crer que um dia ele [o rock] sairia da minha vida para ser substituído por coisas como responsabilidades, dias no escritório e contas a pagar.[...] Mas, felizmente minha previsão pré-púbere se mostrou equivocada, [...] a música continuou a desempenhar um papel central cotidiano, mesmo que com menos guitarras imaginária tocadas no ar. Tive a sorte de poder viver tudo isso de forma profissional ao escrever diariamente sobre canções, álbuns e artistas que admiro. A maior parte dos textos aqui compilados se originaram no extinto Power Music Club, pioneiro site de streaming, onde trabalhei de 2011 a 2014, e foram adaptados e atualizados para esta edição. (ANDREOLA, 2018, p. 12)

Dessa maneira, o livro reúne uma coleção de “obras que merecem ser ouvidas”, de maneira similar à proposta *Ouçá este Livro: 20 Playlists Surpreendentes* (2017), do músico curitibano Cassiano Fagundes, com textos escritos para o portal de música da GVT — local em que Alessandro também trabalhou. O título baseia-se em 20 seleções temáticas compostas, cada uma por 20 músicas consideradas como “lado B” de artistas consagrados do rock. Com um posfácio ilustrado em quadrinhos por Guilherme Caldas, o livro também possui um *QR Code* na quarta capa que leva às *playlists* completas disponibilizadas na plataforma Spotify

Os outros dois títulos musicais fazem parte da Coleção *Sound+Vision*, que “traz autores dissecando seus álbuns favoritos, acompanhados de artistas visuais que apresentam seus olhares sobre as músicas deste mesmo álbum.” O título *The War On Drugs: Lost In The Dream* (2017), de Andreola com o ilustrador André Ducci, foi lançado, inicialmente, com acabamentos mais artesanais - capa dura, serigrafia, lombada em tecido -, porém, na reimpressão, optaram por formatos mais econômicos, com brochuras de 18x12cm impressos em 2 cores, no papel Pólen Bold. O segundo é *Corredor Polonês* (2019), de Marcelo Dallegrave e Melissa Medroni, referente à banda brasileira *Patife*.



Imagem 3 – *Coleção Sound+Vision*[13]
Fonte: Website Screamyell

O perfil da editora, voltado para o nicho musical, remete ao universo dos fanzines, citados, inclusive, pelo editor ao relacionar as facilidades de impressão atuais às décadas passadas: “anos 90 eu fazia fanzine com xerox, entendeu? Vai lá e faz.” (ANDREOLA, 2019). Esse *modus operandi*, principalmente vinculado ao universo do rock, é apontado por Pedro Quintela e Paula Guerra (2015, p. 162), no artigo “Ciências sociais, arquivos e memórias: considerações a propósito das culturas musicais urbanas contemporâneas”, no qual eles discutem o interesse em preservar memórias e arquivos das cenas musicais alternativas:

Estes fãs e editoras têm colaborado para, de algum modo, reescrever a história da cultura rock — mas não só —, recuperando, preservando e divulgando material que, por diferentes motivos, tinha ficado perdido e, conseqüentemente, sido esquecido pelos críticos, jornalistas, historiadores e músicos.

Os títulos musicais da Editora Barbante podem ser vistos como parte do processo de preservação das raízes do gênero, ora de maneira memorialística como a coleção *Sound + Vision*, ora na sugestão de *playlists undergrounds*, como se fosse um rito descobrir e redescobrir a história dessa cena. Se antes essa prática era um movimento majoritariamente voltado para fanzines xerocados e mimeografados, com o avanço das tecnologias de impressão, esse movimento voltou à baila de maneira esteticamente orientada, ocupando mesas nas feiras de publicações independentes.

Nesse intuito, também é interessante perceber a tentativa dos editores, em um primeiro momento, de integrar a cena independente com a interface da experimentação gráfica: “então a gente no começo até fazia muito isso, isso era um norte da editora. Os dois primeiros livros que a gente fez tinha capa dura revestida de tecido com serigrafia e enumerados.” (ANDREOLA, 2019). O alto custo desse tipo de produção, contudo, fez com que os títulos fossem reimpressos em versões mais econômicas: “depois a gente parou um pouco porque era tudo muito caro” (MARQUES, 2019). Já inseridos na cena e com laços mais estreitos com outros agentes, o movimento de recuo não é visto como deixar de pertencer à trupe. Ademais, ainda seguem com uma publicação totalmente artesanal: o título *Aerofone* (2018). Este é totalmente manufaturado: costurado à mão, no formato de 10 x 14 cm e com a capa carimbada. O conteúdo é a tradução de um editorial do jornal *New York Times*, já em domínio público, veiculado em 1878, criticando uma

invenção de Thomas Edison, uma espécie de trombeta para comunicações a longa distância, que nunca chegou a ser produzido.



Imagem 4 – Produção do Livro *O Aerofone* (2018) para a Feira Mamute
Fonte: Facebook Editora Barbante⁷

A comercialização da Editora Barbante era feita em feiras, pela loja virtual, por pontos de vendas físicos de parceiros e por meio da venda direta – em lançamentos. Ademais, entre outubro de 2018 e dezembro de 2019, possuía seu próprio ponto de venda. A livraria Barbante localizava-se na Galeria Ponto de Fuga, em Curitiba, um local que também abrigava uma galeria de arte e o Ginger Bar, um bar-bistrô que realizava eventos culturais. A curadoria de títulos da livraria voltada para publicações independentes, foi publicizada como “livros que gostaríamos de ler” na reportagem *A saga da Barbante* publicada no *Jornal Plural*^[16]. Operando no azul, enquanto se dividiam entre “outras atividades para se manter”, a livraria funcionou até 21 de dezembro de 2019, quando, devido ao nascimento da filha, Paola e Alessandro priorizaram o trabalho com a criança e a editora.

Com a pandemia do novo Coronavírus, a Editora Barbante entrou parcialmente em *stand by*, como várias outras casas editoriais. No dia 6 de julho de 2020, Alessandro Andreola participou de uma live com João Varella, relatando o processo e as inseguranças com a impossibilidade de realização de feiras devido às regras sanitárias. Mais

⁷ Postagem publicada no dia 3 de novembro de 2018. Disponível em:
<https://www.facebook.com/editorabarbante/posts/727139940975376/> Acesso: 10 ago. 2021

recentemente, em 13 de julho de 2021, foi lançada uma campanha de apoio na plataforma Catarse para a publicação do livro *Ondas sísmicas: 90 discos de cantoras brasileiras do século 21*. O título escrito por Gabriel Bernini e ilustrado pela argentina Lola Nankin tem uma proposta semelhante a outros títulos da Editora Barbante no formato de guia musical. Dessa vez, o enfoque são álbuns produzidos por mulheres entre 2003 e 2020, bastante pautada pela diversidade e inclusão.

Conclusão

Alessandro Andreola e Paola Marques entraram para o universo das independentes de maneira despretensiosa, mas na entrevista ficou evidente que a edição já havia sido incorporada como um ofício e um empreendimento:

[...] quando a gente, como negócio, conseguir fazer os livros que a gente quer fazer, ter uma livraria do jeito que a gente imagina[...] aqui no Sul [...] e conseguindo trabalhar com essas coisas está ótimo. São tijolinhos, a gente vai [colocando] no caminho. [...] A hora que não der mais a gente fecha, entendeu? A gente para de fazer. O meu amor por esse tipo de coisa vai até certo ponto, eu preciso comer, eu vou ter uma filha, as coisas são muito... dia-a-dia. (ANDREOLA, 2019)

Percebemos que os editores fizeram um grande investimento de tempo e disposição para figurar de maneira mais profissionalizada no campo das publicações independentes, sendo uma das primeiras a buscar seu próprio meio de venda físico, frente à evolução da idade e da vida pessoal. Entretanto, a dedicação necessária para manter a edição e a venda de livros como seus principais ofícios não parece ter sido suficientemente conciliável, quando as necessidades imperativas da vida adulta surgiram, como o nascimento da filha. Dessa maneira, foi preciso selecionar o que era viável e priorizar a rentabilidade e a disponibilidade de tempo. Nesse caso, especificamente, foi necessário dar um passo atrás em relação à livraria.

Da mesma maneira, o catálogo também é marcado pela experimentação e a readequação da rota quando a proposta torna-se pouco viável editorialmente. É válido observar que inserção destes no microcosmo gráfico-independente ocorreu inicialmente pela interface com a materialidade diferenciada, mas posteriormente tal ideia foi repensada devido aos altos custos de produção. Em contrapartida, entendemos que a originalidade da linha editorial juntamente à rede de sociabilidade e de afetos pré-

estabelecida proporcionaram a manutenção dentro desse espaço. Por fim, concluímos que o micrososmo está em estado constante de mudança, cabendo-nos apresentar as perspectivas observadas naquela temporalidade. Com a pandemia, ainda é complexo vislumbrar qual será o destino das editoras feirantes, se estas continuarão explorando a materialidade diferenciada ou se buscarão outras formas de produzir seus catálogos.

REFERÊNCIAS

ANDREOLA, Alessandro. *Música do Dia*. Editora Barbante, 2018

ANDREOLA, Alessandro; MARQUES, Paola. Entrevista concedida à Samara Mirian Coutinho. Curitiba, 13 de agosto de 2019. [Skype]

BARCELLOS, Marília de Araujo. *O sistema literário brasileiro atual*. Pequenas e médias editoras. 149f. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BOTTO, Malena. 1990-2010: concentración, polarización y después. In: DE DIEGO, José Luis. *Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2010)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014. p. 1-29.

LÓPEZ WINNE, Hernán; MALUMIÁN, Víctor. *Independientes, ¿de qué?: Hablan los editores de América Latina*. México: FCE, 2016. 159 p.

MUNIZ JR, José de Souza. *Girafas e bonsais: editores “independentes” na Argentina e no Brasil (1991 – 2015)*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-28112016-103559/pt-br.php>. Acesso em: 03 ago. 2021.

NOËL, Sophie. *La edición independiente crítica: compromisos políticos e intelectuales*. Villa María: Eduvim, 2018.

OLIVEIRA, Alice Bicalho de. A Independência é um modo de produção. *Em Tese*. Belo Horizonte, v. 22, n. 3, set.-dez. 2016. p. 78-89.

QUINTELA, Pedro; GUERRA, Paula. Ciências sociais, arquivos e memórias: considerações a propósito das culturas musicais urbanas contemporâneas. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Vol. 33, p. 155 - 181. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2825>. Acesso em: 10 de out. 2020.

RABASA, Magalí. *El libro en movimiento: apuntes sobre la vida de un medio autónomo*. Canadá: Changing Suns Press, 2016. 60p.

SANTANA-GOMES, Letícia. *Da minha língua vê-se o mar: os editores independentes e as imagens de si*. 2018. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SORÁ, Gustavo. El mundo como feria: In(ter)dependencias editoriales en la Feria de Frankfurt. *Comunicación y medios*, n. 27 (2013). Instituto de la Comunicación e Imagen.

Universidad de Chile. P.102-128.

SZPILBARG, Daniela; SAFERSTEIN, Ezequiel A. El espacio editorial “independiente”: heterogeneidad, posicionamientos y debates: Hacia una tipología de las editoriales en el período 1998-2010. *Primer Coloquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición*, 31 de outubro, 1º e 2 de novembro de 2012, La Plata, Argentina. Disponível em: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.1955/ev.1955.pdf>. Acesso em 3 de novembro de 2020.

VARELLA, João. O editor e o mar: as estratégias dos publicadores contemporâneos. In: *Cartografias da Edição Independente*. Belo Horizonte: LED CEFET-MG, 2020.